



Intercultural school
Talents pour le monde

ÉPREUVES D'ADMISSION

SESSION 2022

MI

PORTUGAIS

Cerca de 1.500 línguas poderão deixar de ser faladas até o final do século

27/12/2021

O ano de 2022 marca o início da Década das Línguas Indígenas, instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Nesse período, ações no mundo inteiro serão realizadas para o reconhecimento, a valorização e a manutenção das línguas indígenas. No entanto, alertam os pesquisadores de um estudo inédito, pode ser que até o final deste século, pelo menos 1,5 mil línguas ameaçadas de extinção deixem de ser faladas.

Liderada pela Universidade Nacional da Austrália (ANU), de Camberra, a pesquisa conseguiu identificar 51 estressores em línguas ameaçadas de extinção. Para a coautora do estudo, professora Lindell Bromham, cerca de metade das 7 mil línguas conhecidas no mundo correm o risco de desaparecer. Ela prevê que, sem uma intervenção imediata, essa perda de linguagem poderia triplicar nos próximos 40 anos.

Publicado na revista *Nature Ecology and Evolution* no dia 16 de dezembro, o estudo usou gráficos para avaliar séries de fatores que colocaram pressão sobre línguas já ameaçadas de extinção. "Embora cada idioma esteja sujeito a pressões sociais, demográficas e políticas específicas, também pode haver processos de ameaça comuns", e são esses últimos que o estudo analisou.

Perigos para a diversidade linguística: metodologia e intervenções

Para comprovar sua hipótese de que o contato com outras línguas não é por si só um impulsionador de perda de linguagem, os pesquisadores analisaram 6.511 línguas faladas, com 51 variáveis preditoras. Esses elementos envolveram aspectos relacionados à população, documentação, reconhecimento legal, política educacional, indicadores socioeconômicos e características ambientais.

Entre esses preditores, alguns surpreenderam, como a chamada "densidade da estrada". Bromham explica que "quanto mais estradas houver, conectando o país à cidade, e vilas às cidades, maior o risco de as línguas serem ameaçadas".

Para evitar essa perda iminente de mais de 1,5 mil linguagens até o final do século, "é necessário um investimento urgente em documentação linguística, programas de educação bilíngue e outros respaldados pela comunidade", conclui o estudo.

Fonte: Tecmundo.com.br

A cada 14 dias morre um idioma

Nos últimos 10 anos mais de 100 línguas desapareceram

No mês passado, foi assassinada na floresta do norte do Peru Rosa Andrade, de 67 anos, a última mulher falante de resígaro, uma das 43 línguas indígenas da Amazônia.

Tommy George, o último dos kuku-thaypan de Cape York (Austrália), morreu no dia 29 de julho, com 88 anos. Tommy George era o último falante de awu laya, uma língua aborígine da Austrália. Com ele morreram 42.000 anos de história e conhecimentos transmitidos de forma oral.

Cristina Calderón (nascida em 24 de maio de 1928) é a última falante nativa da língua yagán, da Terra do Fogo. Hoje ela vive em Puerto Williams, um assentamento militar chileno na ilha Navarino.

Nos últimos 10 anos, desapareceram mais de 100 línguas; outras 400 estão em situação crítica e 51 são faladas por uma única pessoa. A cada 14 dias morre uma língua, de acordo com a Unesco. Se continuar assim, metade das 7.000 línguas e dialetos falados hoje no mundo se extinguirão ao longo deste século. Quando uma língua morre não se perdem apenas as palavras, mas todo o universo cultural ao qual davam forma: séculos de histórias, lendas, ideias, canções transmitidas de geração em geração que desaparecem “como lágrimas na chuva”, junto com valiosos conhecimentos práticos sobre plantas, animais, ecossistemas, o firmamento. Um dano comparável à extinção de uma espécie.

Com Fanny Cochrane, que morreu em 1905, se foi a última língua nativa da Tasmânia. Entre 1899 e 1903, ela gravou num dos primeiros fonógrafos as canções aborígenes que conhecia para a Royal Society of Hobart, a capital da ilha australiana. O cantor folk Bruce Watson conta a história dela em *The Man and the Woman and the Edison Phonograph* (O Homem e a Mulher e o Fonógrafo Edison).

Com a morte, em 2004, aos 98 anos, de Yang Huanyi, desapareceu o nushu, um sistema secreto de escrita empregado durante ao menos quatro séculos pelas mulheres chinesas para burlar o controle dos homens. Como muitas mulheres chinesas de seu tempo, Yang Huanyi tinha pés minúsculos e deformados; a prática de amarrar os pés das meninas foi proibida em 1912.

Charlie Mangulda é a última pessoa na Terra que fala e entende o amurdag, língua oral de um grupo de aborígenes do norte da Austrália, como explica num vídeo K. David Harrison, autor do livro *The Last Speakers* (Os Últimos Falantes).

Harrison, professor de linguística do Swarthmore College, na Pensilvânia (EUA), é um dos responsáveis do projeto Enduring Voices (Vozes Duradouras), da National Geographic.

Ele viajou pelo mundo inteiro, da Sibéria e o Cáucaso ao norte da Austrália, passando pelo sul do México e as ilhas mais remotas da Indonésia, entrevistando os últimos guardiões de línguas minoritárias em risco de desaparecimento. Muitas das que estudaram nunca tinham sido gravadas ou colocadas por escrito; outras nem sequer eram conhecidas. Em 2010, documentaram pela

primeira vez o koro, língua falada por menos de mil pessoas nas montanhas de Arunachal Pradesh, no nordeste da Índia.

Em fevereiro, a equipe do Enduring Voices apresentou os primeiros resultados de seu trabalho, oito dicionários sonoros e visuais de idiomas moribundos como o chemehuevi (Arizona, EUA); o euchee (Oklahoma, EUA); o hupa, o karuk, o wintu e o washoe (Califórnia, EUA); o tuvan (Rússia); o aka (Índia), ou o seri (México). No total, 32.000 palavras salvas do esquecimento.

Com o mesmo objetivo nasceu o projeto Endangered Languages (Línguas Ameaçadas de Extinção), uma iniciativa do Google para dar voz àqueles que as falam e àqueles que se esforçam para conservá-las. Trata-se de um fórum aberto que oferece a oportunidade de postar arquivos de vídeo, gravações e documentos, e também compartilhar conhecimentos e experiências. Em um dos vídeos do Endangered Languages, a avó Margaret, uma senhora da tribo navajo (Novo México, EUA) explica ao neto, com a ajuda do tradicional jogo de cordel, a origem das constelações, como relata uma antiga lenda indígena.

Em outro, uma moradora do vale de Ansó, nos Pireneus de Huesca, narra em aragonês ansotano a história As Crabitetas (As Cabrinhas). Na Espanha, também estão na lista de línguas ameaçadas o aragonês, o asturiano (ásturo-leonês ou bable) e o gascão do Val d'Aran (Lleida) ou aranês.

O Atlas das Línguas em Perigo da Unesco catalogou 2.581 línguas, que são mostradas num mapa interativo do Google. Os resultados podem ser filtrados por região geográfica, pelo nome do idioma ou pelo número de pessoas que o falam.

Fonte : El Pais

PERGUNTAS:

1. Baseando-se nesses dois textos e em seus conhecimentos pessoais, explique o que se perde quando morre uma língua.
2. Na sua opinião, o que leva uma empresa do porte da Microsoft a criar um Atlas colaborativo (Endangered Languages Project) reunindo línguas ameaçadas de extinção?